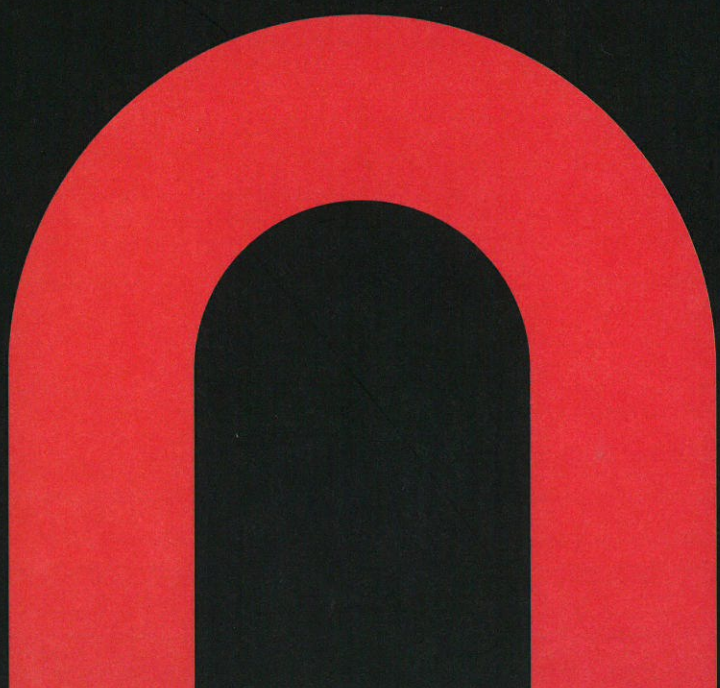




ITI NERA RIUM

CONHECER
BRAGA PELO
PATRIMÓNIO

2023 — 2024



FICHA TÉCNICA

ITINERARIUM – Conhecer Braga pelo Património

PROMOTOR

Município de Braga

INVESTIGAÇÃO HISTÓRICA E PRODUÇÃO DE CONTEÚDOS

Aida Maria Reis da Mata
Ana Macedo
Ana 'Muska' Castro
Anabela Ramos
André Marcos
Arnaldo Sousa Melo
Elisa Lessa
Fernanda Magalhães
Inês Pimenta Fernandes Rodrigues
José Manuel Lopes Cordeiro
Manuela Machado
Maria do Carmo Ribeiro
Maria Marta Lobo de Araújo
Raquel de Oliveira Martins

FOTOGRAFIA

Luís Vieira
José Delgado
Hugo Delgado

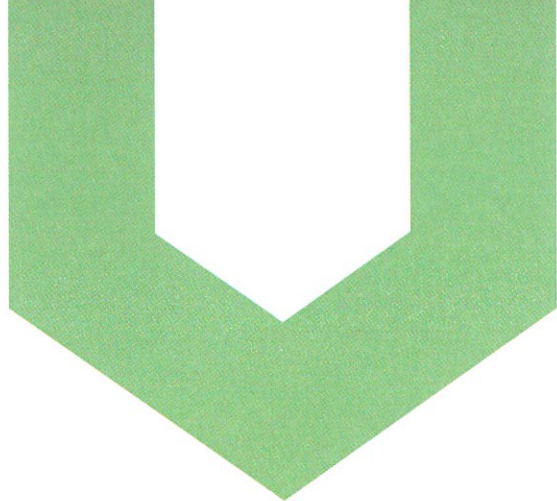
DEPÓSITO LEGAL

545425/25

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

Mota & Ferreira Artes Gráficas

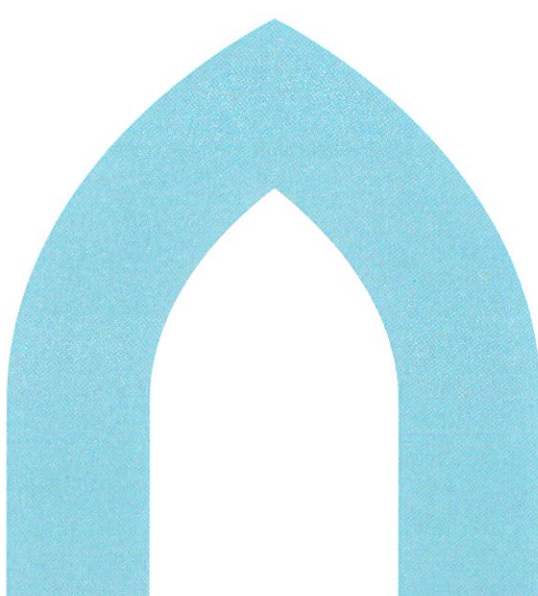
Índice



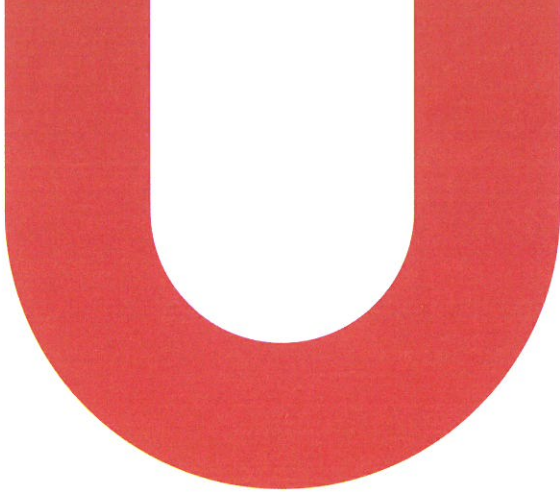
01. CIDADE PERDIDA

- 10 Alminhas: almas, anjos protetores, santos intercessores
- 14 A cidade de Braga na Idade Média (séculos XII-XV): senhorio eclesiástico e senhorio régio
- 18 Símbolos da Resistência em Braga durante o regime fascista (1926-1974)
- 22 A *Domus* das Carvalheiras: uma residência de elite em *Bracara Augusta*
- 26 Dentro e fora de portas: as mulheres na cidade de Braga na Idade Moderna
- 30 Os Judeus em Braga nos finais da Idade Média: Uma Minoria entre a Maioria

02. CIDADE RECORDADA



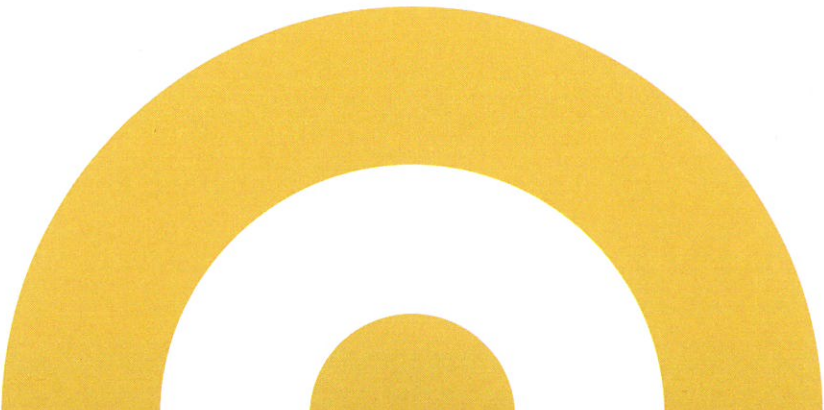
- 36 Viver a consoada em Braga
- 40 A Casa, a Família e a Cidade
- 44 Subtilezas do legado da água em Braga



03. CIDADE VIVIDA

- 50 A Semana Santa de Braga na Santa Casa da Misericórdia
- 54 Festas de São João de Braga
- 58 Higiene em tempo de crise: um escudo contra as doenças (Braga, séculos XVII-XIX)

04. CIDADE EXPERIMENTADA

- 64 Os Sons da Azulejaria Barroca: Um Itinerário Iconográfico pela Igreja do Convento de Nossa Senhora da Penha de França – Braga
 - 68 Festival Fenda: Arte Urbana em Braga
- 





Dentro e fora de portas: as mulheres na cidade de Braga na Idade Moderna

Maria Marta Lobo de Araújo

(Departamento de História e Lab2PT/ICS – Universidade do Minho)

Resumo: O nosso texto aborda as mulheres na cidade de Braga da Época Moderna, sublinhando o seu desempenho em contextos muito diversificados. Surpreendemos umas dentro de portas, em conventos e em recolhimentos, vivendo em regime de clausura e com objetivos definidos pelas famílias e pelas instituições em que eram encerradas, e outras na rua ou em casa, com liberdade de movimentos, cumprindo vários serviços, mas igualmente sujeitas aos poderes masculinos.

Palavras-chave: Mulheres, clausura, atividade laboral, Braga.

Braga era na Idade Moderna uma cidade semelhante a muitas outras, com mulheres em todos os lugares e em muitas profissões, sem ou com muita pouca visibilidade social. Apesar disso, elas foram responsáveis pela dinamização de alguns setores no ramo dos negócios, no desempenho de algumas profissões, ao mesmo tempo que foram mães, filhas e esposas. De acordo com o percurso de cada uma, a vida foi distinta e muitas foram direcionadas para uma vida em clausura, servindo a sua religião, onde foram gestoras de bens temporais e diretoras espirituais.

A abordagem feita ao tema é necessariamente sucinta, tendo em vista o objetivo do estudo e o espaço disponibilizado. Trata-se, naturalmente, de uma síntese não da matéria em questão, mas da palestra por mim proferida no âmbito do projeto **ITINERARIUM**. Dar a conhecer a vida feminina na Braga Moderna, escolhendo para contexto a vida dentro e fora de portas, constituiu a nossa principal preocupação.

Analisar os percursos femininos em ambos os contextos é encontrar mulheres, ainda que de forma muito distinta, comprometidas com os seus objetivos de vida e empenhadas nos serviços prestados.

Para analisar o desempenho das mulheres dentro de portas, selecionámos a vida em clausura, quer seja em conventos, quer em recolhimentos. Embora estejamos perante instituições com fins diversos e com mulheres com objetivos diferentes, a vida em clausura era obrigatória nos dois tipos de instituições, tal como muitos outros procedimentos. Eram distintas, no entanto, quanto ao objetivo principal: nos conventos, as mulheres casavam-se com Deus, devendo agradar ao seu esposo e tentar atingir a perfeição, através da oração, da penitência, do jejum, de disciplinas, mas também da obediência, da caridade, da humildade e da frequência dos sacramentos. Nestas instituições passavam por um noviciado e faziam votos solenes de obediência, castidade, pobreza e clausura.

Nos recolhimentos não existiam votos, nem noviciado, nem as mulheres eram consagradas. Eram para aí direcionadas sobretudo na juventude, para aprenderem competências na esfera doméstica, serem obedientes e conservarem as suas virtudes até ao casamento. Os recolhimentos não eram todos iguais: havia-os destinados a mulheres virtuosas e outros a pecadoras.

Braga teve na Época Moderna cinco conventos femininos e seis recolhimentos, tendo um deles passado a convento na década de 20 de setecentos. Quer uns, quer outros operavam com *numerus clausus*, mas a acentuada procura fez com que este fosse ultrapassado por diversas vezes.

Apesar das severas normas que as regiam, houve sempre lugar ao

incumprimento. Em 1736, no convento de Nossa Senhora da Conceição, a madre Ana Maria Joaquina, grávida do padre João, seu namorado, quebrou a clausura, rompeu os votos e fugiu para a Galiza, procurando libertar-se de uma vida que não desejava. Porém, no mesmo cenóbio a madre Custódia Maria do Sacramento, quando morreu, em 1739, foi considerada um exemplo de virtudes e um modelo de santidade, tendo decorrido um processo em Roma com vista à sua beatificação e canonização, o que parece provar a diversidade de caminhos no mesmo espaço conventual.

A vida nos recolhimentos exigia também a um grande domínio do corpo e da alma, porque as residentes estavam obrigadas à clausura e ao cumprimento rígido de normas. O elevado número destas casas na cidade permite ainda conhecer a cadência da sua fundação, mas igualmente a sua elevada procura.

Para além da análise em contexto de clausura, escolhemos também abordar o desempenho das mulheres em algumas profissões, de que destacamos as lavadeiras, as enfermeiras, as hospitaleiras, as criadas, as vendedeiras e as padeiras. Mulheres com objetivos diferenciados e dinâmicas diferentes, mas todas formando parte de um universo social que não as beneficiava nem as promovia.

Entre as muitas atividades desenvolvidas pelas mulheres fora de portas, analisamos apenas algumas, ou seja, aquelas que na nossa investigação têm ganho maior destaque, mas que nem sempre a historiografia lhe tem reconhecido o lugar que merecem. Falamos das enfermeiras, hospitaleiras, criadas, lavadeiras, vendedeiras e padeiras. Todas estas mulheres prestavam serviços relevantes em contextos diversificados. Se direcionarmos o nosso olhar para as enfermeiras, hospitaleiras e criadas sabemos que tralhavam num contexto um pouco mais protetor, por terem um salário assegurado, pese embora as diferenças entre estes grupos de trabalhadoras e a precariedade laboram em que se inseriam. Já as lavadeiras, as vendeiras e as padeiras dependiam das tarefas que lhes solicitavam e das vendas que faziam.

Enfermeiras, hospitaleiras e criadas encontravam trabalho nos hospitais da Idade Moderna, como aconteceu no de São Marcos, de Braga. Os dois primeiros grupos de trabalhadoras atuavam nas enfermarias femininas e algumas delas eram casadas com os enfermeiros e hospitaleiros do mesmo hospital, mas muitas outras eram viúvas e até solteiras. Apesar de prestarem serviços “especializados”, estas mulheres não tinham qualquer formação na área em que trabalhavam, sendo-lhes solicitado apenas

que atuassem com “caridade” e “amor” com os doentes internados. Pertenciam, normalmente, aos estratos baixos da sociedade, embora as enfermeiras pudessem dominar a escrita, o que raramente acontecia com as hospitaleiras. De acordo com o estipulado no seu contrato de trabalho, as enfermeiras e hospitaleiras cumpriam as funções que lhes estavam destinadas e auferiam de um salário que a Misericórdia pagava mensalmente. Pese embora o prescrito nos regulamentos hospitalares, a agitação e algum desleixo conheceram-se em determinados períodos, envolvendo estas mulheres e causando-lhes o despedimento.

As criadas atuavam em casas particulares e em instituições. Quer os conventos femininos, quer os recolhimentos da cidade não dispensavam criadas e nas primeiras instituições elas podiam atuar particularmente, servindo uma freira, desde que para isso esta estivesse autorizada. Trabalhavam também em casas particulares e no hospital de São Marcos. Faziam todo o serviço que lhes era ordenado e o seu salário era pago em diversas modalidades. Não raras vezes, no hospital estas mulheres tornaram-se fonte de conflito, na interação que estabeleciam com outros assalariados. Muitas delas tinham chegado à cidade á procura de trabalho, encontrando-se desprotegidas e desenraizadas.

O trabalho desempenhado pelas lavadeiras exigia força física, muito esforço e tinha de ser realizado durante todo o ano, chovesse ou fizesse sol. Tinham de ir buscar as trouxas de roupa às casas particulares e ao hospital, lavá-la e devolvê-la aos respetivos donos em tempo oportuno. Lavavam nos tanques públicos ou no rio Este e quase sempre em más condições. Num período em que não se lavava o corpo e a brancura da roupa significava limpeza, os médicos do hospital de São Marcos exigiam às lavadeiras maior brancura nas peças que lhes eram entregues, o que nem sempre era conseguido, segundo elas, pela falta de cinza para a barrela, não entregue pela cozinheira. Eram ainda acusadas de não devolverem a roupa atempadamente, sobretudo no Inverno, quando demorava mais tempo a secar, o que as colocava sob pressão e constante escrutínio.

Determinantes para o abastecimento de alimentos frescos à população da cidade eram as vendedeiras e as padeiras, estas últimas por confeccionarem o pão e o venderem, e as vendedeiras por fazerem chegar à mesa das pessoas, as frutas, os vegetais, as sardinhas, o leite, o sal, o azeite e outros géneros alimentares. Todas estas mulheres atuavam seguindo um enquadramento normativo, estabelecido pela Edilidade. As padeiras confeccionavam o pão em suas casas e vendiam-no nas bancas e praças destinadas para o efeito. Sempre que havia más colheitas e subia o

preço dos cereais, os grupos sociais mais desfavorecidos não conseguiam comprar este alimento, revoltando-se contra as padeiras e agindo mesmo contra elas, como se verificou em período de epidemias e pestes.

As outras vendedeiras estavam todos os dias nas suas lojas ou andavam pelas portas carregadas com os produtos à cabeça ou nas mãos, abastecendo as casas. O seu trabalho tem sido muito pouco valorizado, embora sobre estas mulheres recaísse a responsabilidade de gerir o seu negócio e de abastecer as famílias, fazendo com que diariamente tivessem o que necessitavam. Era importante para a saúde ingerir produtos frescos e numa época em que não existia refrigeração, a deterioração de alguns deles era rápida, pelo que as casas deviam ser abastecidas diariamente.

A presença destas mulheres, e de outras com atividades de outra natureza, agitava a vida da cidade, sobretudo nas praças em que trabalhavam. O peixe, o pão e os legumes tinham locais de venda própria. Já outros géneros alimentares estavam disponíveis em lojas abertas, normalmente no rés-do-chão de casas de habitação. Apesar de desconsideradas socialmente, desempenhavam tarefas muito relevantes na sociedade da Época Moderna. Alguns setores não funcionariam sem a sua participação ativa.

A diversidade de situações analisada aponta para realidades muito distintas, todas unidas pela invisibilidade social a que as mulheres foram sujeitas, quer estivessem dentro ou fora de portas.

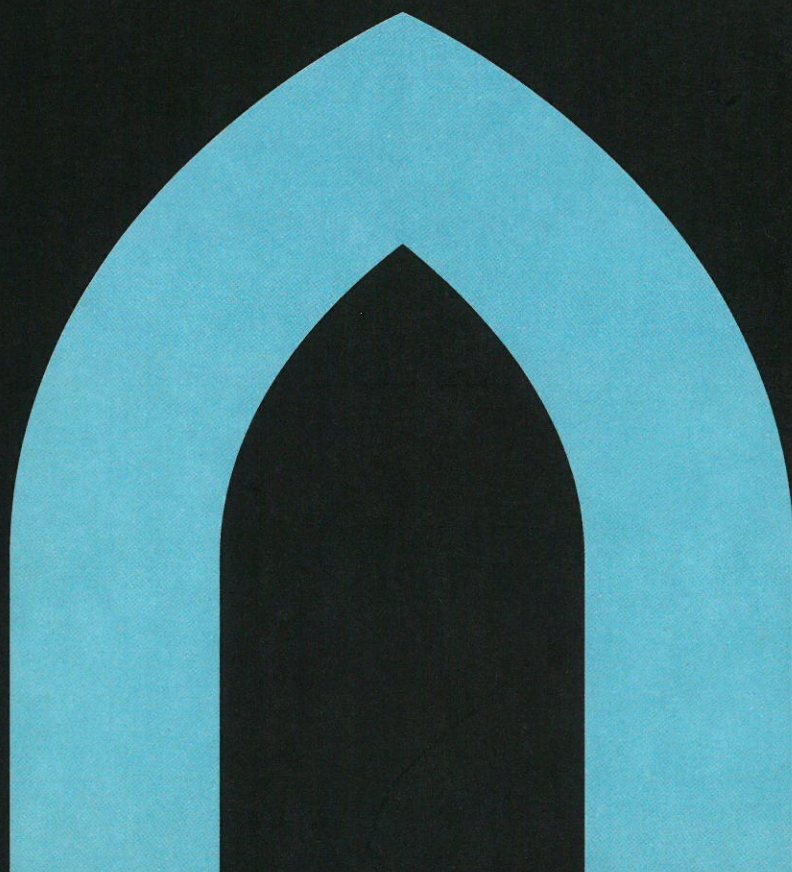
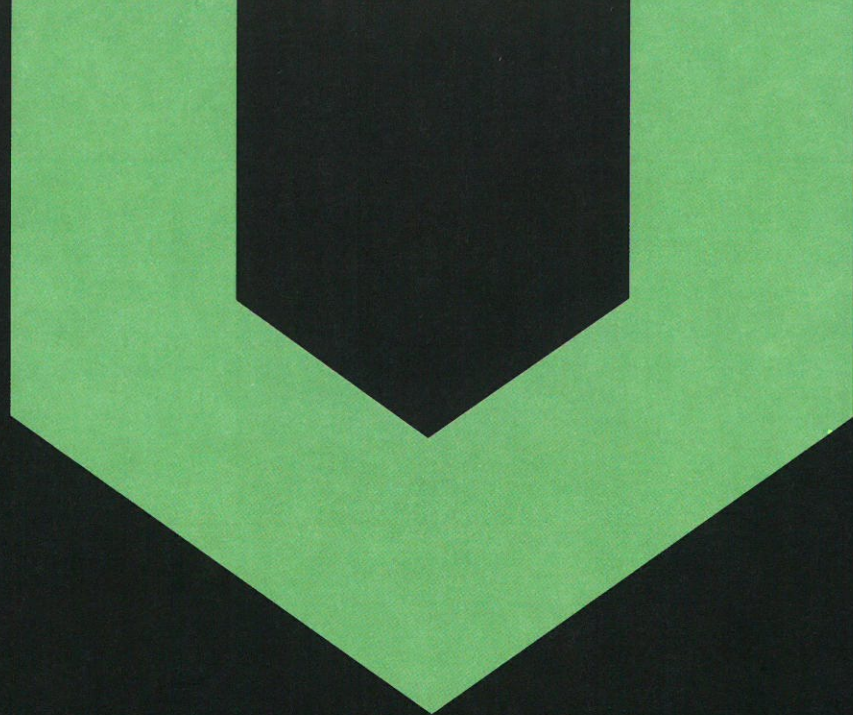
Bibliografia

Araújo, Maria Marta Lobo de, *Oração, penitência e trabalho: o recolhimento de Santa Maria Madalena de Braga (1720-1834)*, Vila Nova de Famalicão, Húmus, 2017.

Lopes, Maria Antónia, “Mulheres e trabalho em Coimbra (Portugal) no século XVIII e inícios do XIX”, in Iglesias Rodríguez, Juan José; Pérez García, Rafael M.; Fernández Chaves, Manuel F. (eds.) *Comércio y cultura en la Edad Moderna*, Sevilla, Universidade de Sevilla, 2015, pp. 1769-1787.

Rey Castelao, Ofelia, *El vuelo corto. Mujeres y migraciones en la Edad Moderna*, Santiago de Compostela, USC, Editora Académica, 2021.

Silva, Ricardo Manuel Alves Silva, *Casar com Deus: vivências religiosas e espirituais femininas na Braga Moderna*, Braga, Universidade do Minho, 2012, tese de doutoramento policopiada.



BRAGA
SOM A FUTURO.